

Dedicatória

[do Comentário sobre as Pastorais]

João Calvino

*Ao Nobilíssimo e Cristianíssimo Príncipe,
Eduardo, Duque de Somerset,
Conde de Hertford,
Protetor de Inglaterra e Irlanda,
Tutor Real,
Saudações,*

A brilhante reputação, oh! mui ilustre Príncipe, que chegou até nós, não só de todas as vossas virtudes heróicas, mas especialmente de vossa extraordinária benevolência, produz uma afeição tão universal e cálida a vosso respeito, nos corações de todos os homens bons, mesmo entre aqueles que nunca tiveram a hora de vos ver pessoalmente, que seguramente vos considerarão com extraordinários arroubos de amor e reverência, e isso envolvendo todas as pessoas de espírito justo da Inglaterra. Pois a elas é dado não só atestar as boas coisas que outros devem admirar de longe, mas também beneficiar a si mesmas de todas as vantagens que um governador tão excelente venha conferir tanto a toda a corporação humana como também a cada um de seus membros individualmente. Nem poderiam os louvores que vos celebram constantemente ser falsos ou ser procedentes de espírito bajulatório, pois os vossos feitos claramente comprovam ser eles sinceros.

A obra de um tutor é suficientemente difícil mesmo em se tratando de um aluno em particular e de riqueza moderada; vós, porém, fostes designado tutor não só de um rei, mas também de um reino muito extenso. Aliás, tendes desempenhado vossa função com habilidade e sabedoria tais que o vosso sucesso tornou-se universalmente admirado. E para provar que a vossa excelência não se acha confinada a questões legais e a uma comunidade que só vise à paz, Deus concedeu a oportunidade para que a mesma seja também contemplada na guerra, a qual, sob os vossos auspícios, tem sido travada tanto com bom êxito quanto com inusitado denodo.

Não obstante, as profundas e numerosas dificuldades que tendes experimentado, as quais qualquer um pode perceber, não vos impediram de fazerdes da restauração da religião a vossa meta primordial. Essa consideração pelo evangelho é tão proveitosa ao bem-estar público de um reino quanto é próprio de um grande Príncipe. A prosperidade dos reinos só pode ser assegurada, e aqueles que os guardam só são encontrados fiéis, quando Aquele sobre quem tais reinos são fundados e por quem são eles preservados – o próprio *Filho de Deus* – exerce soberania sobre eles. Portanto, não há outro caminho pelo qual podeis estabelecer o reino da Inglaterra, da forma a mais

sólida possível, senão banindo os ídolos e assentando ali o genuíno culto que Deus prescreveu para que lho tributemos. Pois necessário se faz restaurar a genuína doutrina da piedade, a qual por longo tempo foi suprimida e oprimida pelas sacrílegas tiranias do anticristo romano – e restaurá-la é deveras deixar Cristo assentado em seu próprio trono. Esse ato, que em si mesmo é mui excelente, é ainda mais digno de louvor quando nos lembramos quão poucos governantes há em nossa época que se encontram dispostos a sujeitar sua alta dignidade ao cetro de Cristo.

Foi, portanto, uma imensa vantagem para o mais nobre dos reis ter um homem da vossa estirpe no seio de sua família, e que lhe servisse de guia em sua juventude. Pois ainda que todos os homens falem de sua nobilíssima natureza, contudo fazia-se necessário um instrutor de vossa estirpe, tanto para treiná-los nos hábitos da firmeza varonil quando para regulamentar a Igreja da Inglaterra, enquanto sua idade o impedir de desempenhar por si mesmo tal função. Não tenho dúvida de que mesmo agora ele é bem consciente de que lhe fostes dado por providência divina a fim de que pudesse um pouco mais tarde receber de vossas mãos suas responsabilidades reais em excelente condição.

Quanto a mim, pessoalmente, nem a grande distância, nem a humildade de minha condição poderiam impedir-me de congratular-me convosco em vossa extraordinária ação de promover a glória de Cristo. E já que Deus quis fazer de mim um de seus instrumentos, por cujos esforços e labores ele hoje está a restaurar ao mundo a pureza da doutrina do evangelho, por que, então, embora muitíssimo separado de vós, não haveria de expressar, tão calorosamente quanto possível, minha reverência por vós, a quem Deus, por sua singular benevolência, fez também guardião e defensor do mesmo ensino? E já que eu não tinha outra prova a oferecer como emblema de minha consideração, pensei em oferecer-vos estes meus comentários de duas das epístolas de Paulo. Tampouco escolhi ao acaso meu presente, senão que selecionei aquele que me pareceu mais adequado. Pois aqui Paulo aconselha a seu amado ‘filho’ Timóteo com que gênero de doutrina haveria ele de edificar a Igreja de Deus, que vícios e inimigos teria ele que resistir e quantos aborrecimentos teria que suportar. Ele o exorta a não ceder mesmo diante das piores dificuldades, a vencer todas as crises com coragem, a restringir, no uso de sua autoridade, a licenciosidade dos perversos, e a não conceder dádivas com o egoístico desejo de granjear o favor dos homens. Em suma, nessas duas epístolas nos são esboçado um quadro vivo do genuíno governo da Igreja.

Ora, já que em nome de vosso rei estais fazendo extenuantes esforços a fim de restaurar a Igreja da Inglaterra, a qual, juntamente com quase todas as partes do mundo cristão, foi miseravelmente corrompida pela chocante impiedade do papado, e já que tendes muitos Timóteos engajados nessa obra, vós e eles não poderíeis dirigir melhor os vossos esforços do que seguindo o padrão aqui preestabelecido por Paulo. Pois tudo nessas cartas é altamente relevante para a nossa própria época, e dificilmente há algo tão necessário à edificação da Igreja que não possa ser extraído delas. Minha esperança é que meu trabalho proporcione pelo menos algum auxílio; todavia prefiro deixar isso por conta da experiência, em vez de ufanar-me com excesso de palavras. Se vós, nobilíssimo Príncipe, concederdes vossa aprovação a esta obra, terei sobeja razão para

sentir-me feliz, e vossa notória bondade não permitirá que eu duvide de que aceitareis de bom grado o serviço que ora presto ao vosso reino.

Que o Senhor, em cujas mãos estão os confins da terra, sustente por longo tempo a segurança e prosperidade da Inglaterra, adorne seu excelente rei com o espírito real, lhe conceda uma ampla participação em todas as bênçãos, que vos conceda sólida prosperidade em vossa nobre carreira e que por vosso intermédio seu Nome seja mais e mais infinitamente glorificado.

Genebra, 20 de julho de 1556

Fonte: *Pastorais*, João Calvino, Editora Paracletos, pág. 13-16.